



5 GOVERNO APOSTA NA CARGA FISCAL PARA CONTROLAR IMOBILIÁRIO



9 ÍNDICE DE SEGREDO FINANCEIRO MOSTRA RAEM MAIS "TRANSPARENTE"



20 VATICANO QUE EVITAR "CONFUSÃO" EM TORNO DO DIÁLOGO COM A CHINA

10 patacas

QUINTA-FEIRA Fevereiro 01, 2018

澳門論壇日報



Administrador José Rocha Diniz Director Sérgio Terra • Nº 5415

DST "aguarda pareceres" sobre MGM Cotai

A Direcção dos Serviços de Turismo (DST) está a esforçar-se para que o MGM Cotai possa abrir portas ainda antes do Novo Ano Lunar, assegurou ontem Maria Helena de Senna Fernandes, ressaltando porém que esse processo "não depende só de nós". "Estamos a aguardar alguns pareceres dos outros departamentos envolvidos no processo, por isso, se tudo estiver em conformidade podemos avançar com a vistoria e, eventualmente, emitir a licença", explicou a directora da DST. A inauguração do empreendimento estava prevista para a passada segunda-feira, mas foi adiada pela MGM China, que remeteu a abertura para Fevereiro, sem especificar uma data. Por outro lado, a DST ainda não recebeu nenhum pedido de vistoria por parte da administração do hotel "The 13". "Em termos de documentação, este grupo tinha tudo pronto há algum tempo, mas até agora não recebemos um pedido. Estamos a aguardar", disse a directora.



UTENTES VENCEM MEDOS NO CENTRO DE REABILITAÇÃO DE CEGOS

A "segunda casa" de quem trocou a solidão pela inclusão



págs 25

FOTO JTM

齊運動 健體魄

Pratica Desporto, Reforça a Tua Saúde!
Let's Exercise for Our Health!

www.sport.gov.mo
☎ 2823 6363

體育局
Instituto do Desporto

PUB

FOTOS JTM



Relatos a três vozes, de quem sente, cheira, ouve mas não vê. De quem nasceu assim, mas também de quem aprendeu a viver na escuridão e, acima de tudo, é feliz. Ser cego em Macau é viver sem preconceitos, sem julgamentos, sem superioridades. Mas é também encarar dificuldades, ultrapassar barreiras e tentar viver em comunidade. É perceber, na primeira pessoa e da forma mais verdadeira que o essencial é invisível

O que os olhos não vêem, o coração sente

CATARINA ALMEIDA

És “malcriada”, diziam os pais. Sempre que a chamavam, o rosto direccionava-se no sentido errado. A “teimosia” de Sin I Lam começou a ser de tal forma evidente que os pais procuraram respostas nos hospitais. Sin I Lam tinha seis anos. Hoje tem 27. “Já nasci com os problemas de visão, mas a minha família não reparou”, conta.

Anos a fio sem um diagnóstico que justificasse tamanha “malcriadez”, Sin I Lam ouviu os médicos que, infelizmente, “nada descobriram”. No hospital público, a justificação não apareceu. Idem aspas no Hospital Kiang Wu, tanto que “foi preciso ir a Hong Kong”. “Mesmo lá suspeitaram de qualquer coisa só que tiveram de pedir a um especialista para confirmar o problema”, relembra Sin I Lam, entretanto diagnosticada com uma doença ocular para a qual “não há cura”, explica, com um tom de resignação.

Enquanto relata a sua história, tem sempre no rosto um sorriso pintado. Hoje, tem a visão limitada a metade do olho. “É mais difícil focar”, explica, enquanto faz conjuntos de missangas, brancas e vermelhas que ganham a forma de um dos seus passatempos. É também um dos entretenimentos nas muitas horas diárias que passa no Centro de Reabilitação de Cegos da Santa Casa da Misericórdia de Macau (SCMM), que tem em exposição os vários trabalhos que amorosamente fez questão de nos mostrar. “Quem diz que não trabalho?”, afirma, em tom de brincadeira, mas com uma seriedade disfarçada.

Sin I Lam foi mãe aos 22 anos. Tinha conhecido há pouco tempo o homem - com quem acabou por casar - e pai da sua filha. Um casamento de pouca duração, já que a separação foi inevitável. Única invisual nessa relação, ficou com a guarda da criança - na altura com apenas um ano de vida. “Não tenho contacto nenhum com o pai da minha filha, a não ser

o facto dele dar dinheiro para ajudar, mas não demonstra grande interesse”, refere, acrescentando que “ele arranhou outra [mulher] na China com quem também teve uma filha”.

Um amor partilhado a duas, entre mãe e filha, numa casa onde vivem sozinhas. Um tecto, numa habitação pública, que lhe dá as condições para viverem, em segurança. Infelizmente, nem sempre foi

das não são encorajadoras”, critica.

Em Macau, o subsídio de invalidez é concedido anualmente, numa única prestação, entre 8.000 a 16.000 patacas, dependendo do grau de deficiência. “Se trabalhar perco o subsídio de invalidez, quer dizer, deixo de ser cega?”, salienta Sin I Lam, actualmente a residir numa habitação pública que muito esperou para conseguir.

“Fiz o pedido em Agosto de 2013, mas só em Maio de 2016 consegui uma casa para mim e para a minha filha. Até lá, tive de viver em casas ilegais”, justifica. Por casas ilegais, entenda-se também armazéns. “Acabei por viver, durante uns meses, num armazém onde pagava mais de duas mil patacas por mês. Era dentro de um beco, numa zona muito barulhenta, mal frequentada e tinha medo”, confessa.

Ainda que tenha nascido em Macau, foi em Cantão que estudou. Uma opção da família perante um cenário escolar pouco motivador no território. “Não havia ensino especial e tive de ir para uma escola de ensino regular. Cada turma tinha 50 alunos! E, claro, as notas não eram grande coisa”, lamenta. “A professora não tinha tempo para me dedicar especial atenção”. Mais tarde, no ensino secundário, com os problemas visuais a piorarem, as dificuldades caminhavam a passo largo. “Tinha de usar uma lupa que praticamente ‘cheirava’ para [conseguir ler e ver melhor]”, recorda, citando as duras mas sinceras palavras da professora.



Acabei por viver, durante uns meses, num armazém onde pagava mais de duas mil patacas por mês. Era dentro de um beco, numa zona muito barulhenta, mal frequentada e tinha medo

Sin I Lam

assim. Quando soube que estava grávida pediu abrigo a uma amiga, porque, mal a criança nasceu, o companheiro deixou-a. Ficou desamparada. “Acabei por ficar em casa de uma amiga que, entretanto, conseguiu trazer o marido e os filhos para Macau. Tive de sair”, recorda.

FORÇADA A NÃO TRABALHAR

Depois de ter a filha, Sin I Lam viu-se “obrigada a deixar de trabalhar”. Uma decisão tomada não por querer (sobre) viver dos subsídios do Governo mas porque ser mãe e invisual, ao mesmo tempo, é uma equação difícil de fazer. “As medi-

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Tribuna de Macau, Empresa Jornalística e Editorial, S.A. • Administrador: José Rocha Diniz • Director: Sérgio Terra • Editora: Liane Ferreira • Redacção: Catarina Almeida, Inês Almeida, Ricardo Pereira (secretário da redacção), Rima Cui, Salomé Fernandes e Viviana Chan • Correspondentes: Ricardo Jorge (Portugal) e Rogério P. D. Luz (Brasil) • Colaboradores: Costa Santos Sr. e Vítor Rebelo • Colunistas: Albano Martins, António Cardinal, Carlos Frota, Daniel Carlier, Francisco José Leandro, João Figueira, Jorge Rangel, Jorge Silva, José Álvares e Luiz de Oliveira Dias • Grafismo: Suzana Törres • Serviços Administrativos e Publicidade: Joana Chói (jtmpublicidade@yahoo.com) • Fax: 28389886 • Agências: Serviços Noticiosos da Lusa, Xinhua • Exclusivos: Rádio ONU • Impressão: Tipografia Welfare, Ltd • Administração, Direcção e Redacção: Calçada do Tronco Velho, Edifício Dr. Caetano Soares, N.º 4, 4A, 4B - Macau • Caixa Postal (P.O. Box): 3003 • Telefone: (853) 28378057 • Fax: (853) 28337305 • Email: jtmagenda@yahoo.com (serviço geral)

Sin I Lam gostava de álgebra e mostrava curiosidade pelos mistérios das ciências. Era nessas disciplinas que encontrava a vontade de querer saber mais e mais. Mas, a realidade veio ao de cima. "Para que lês álgebra e ciências se isso não te vai servir para nada? Lê coisas que te ajudem à visão" - as palavras, duras, serviram de "chamada de atenção", uma espécie de impulso que a levou a terminar o ensino secundário e a tentar uma garantia profissional.

"Ainda em Cantão entrei numa escola de ensino técnico-profissional onde aprendi acupuntura e massagens terapêuticas e depois comecei a trabalhar", conta. Foram dois anos de estudos, e um de estágio. "Tinha menos de 18 anos mas consegui trabalhar porque na China não são tão rigorosos", afirma, fazendo comparações com Macau - onde acabou por tentar a sorte, já formada e com experiência dada. "Tentei regressar em 2009 mas não me adaptei. Não tinha nada cá na altura: nem infra-estruturas de apoio [neste caso a cegos] nem casa. Pelo contrário, na China, os empregadores apoiam com casa e comida. Aqui não tinha isso".

Ainda assim, três anos depois, estava de malas feitas para a terra onde, afinal, nasceu. "As condições já eram melhores, até estava a trabalhar e a descontar para o Fundo de Segurança Social". Só que, com o nascimento da bebé, viu-se forçada a abandonar o emprego onde fazia massagens terapêuticas e acupuntura porque "estavam sempre a chamar-me da escola".

ATÉ AOS 20 ANOS, ERA TUDO A CORES

Muitos, como Sin I Lam, encontram no Centro de Reabilitação de Cegos uma família, sobretudo quando vivem sozinhos, num mundo que só eles conhecem. Ou mesmo quando têm uma estrutura familiar saudável, como Kit.

Ao contrário de Sin, Kit conhece as cores e formas. Perdeu a visão há mais de 20 anos, vendo-se forçado a reaprender a viver o quotidiano e a ultrapassar barreiras na escuridão. Hoje tem "27 mais 20 anos", como prefere dizer, revelando um sentido humorístico que também o ajudou a vencer esta forma de estar na vida.

"Comecei a perder a visão aos poucos. Foi enfraquecendo a partir dos 20 anos", começa por explicar, depois de pôr em pausa o vídeo que ouvia na sala de informática, um dos seus espaços preferidos. Ora porque lhe permite usar os computadores, conversar ou participar noutras actividades que preenchem o seu dia no Centro de Cegos - espaço que conhece há quase duas décadas - como, por exemplo, tricotar ou tocar guitarra.

Costuma chegar ao Centro por volta das 08:00, já com o pequeno-almoço tomado em casa, onde vive com os pais. Hoje, esta

rotina está bem enraizada, mas Kit reconhece que no início da cegueira "a parte mais difícil era sair de casa". Porém, o choque acabou por não ser muito grande até porque já viveu sozinho. "Ia ao mercado e cozinhava sozinho".

Para almoçar, vai à rua, com ou sem os amigos do Centro. É que também há uma vida além desse espaço da Santa Casa, como bem fez questão de frisar, ainda que o sinta como uma "segunda casa". "Venho todos os dias e sem o Centro a minha vida seria muito monótona. Temos alguém semelhante a nós com quem conviver", diz, transparecendo ternura.

ainda conseguia ver algumas cores e formas, mas depois da operação deixei de ver completamente. Foi então que regressei a Macau".

Eric está na "casa dos 30". É licenciado em Psicologia pela Universidade de São José (USJ) e trabalha no Centro desde 2012, depois de se ter voluntariado, era ainda adolescente. "Já conhecia alguns membros do Centro desde os meus tempos de primária mas nunca tinha visitado as instalações. No ensino secundário comecei a ir ao Centro para ensinar os utentes a lidarem com os computadores. Era voluntário", explica.

as pessoas acham que nós, cegos, só entendemos as pessoas que são iguais a nós...", critica.

Devido a essa falta de sensibilidade, a vontade de aproximar os dois lados - o visual do invisual - é uma constante no discurso de Eric, bem como na forma como também encara o seu trabalho. Sendo psicólogo, invisual, e tendo amigos dos dois lados, a tarefa poderia ser mais fácil. "O meu objectivo é garantir que a sociedade em geral perceba que os invisuais são também uma parte dela. Temos de ser parceiros, da mesma forma que a cultura portuguesa faz parte da nossa sociedade", defende.

Ling e Kai, Eric Leong integra a banda "Focus", que ensaia todas as segundas-feiras. Nessas horas não é só a cegueira que partilham em comum, é também a música - através da qual querem chamar a atenção dos outros, no sentido de que somos todos iguais, com ou sem incapacidades. Até porque, como sublinha, "não podemos ficar no canto da cidade".

"O nome da banda foi uma sugestão da vocalista Ling. Ainda que focar esteja relacionado com a visão, para tentarmos ver algo melhor. Mesmo que não consigamos focar com os olhos e através da visão, podemos focar nas pessoas através



Nascer cego é não sentir mais brutalmente a perda. A perda do olhar, de ver quem se ama e de ver sem depender de outrem. Mas, para Kit, viver com a cegueira permitiu-lhe descobrir e ser a pessoa que é hoje. "É uma forma de ser que me ajudou porque, tendo só a quarta classe, provavelmente estaria a trabalhar nas obras ou seria um 'bandido', reconhece Kit que "vê no computador", como faz questão de frisar, "uma janela para o mundo".

DE VOLUNTÁRIO A PSICÓLOGO

A doença nasceu com ele. "Os meus pais levaram-me a consultas a Hong Kong e China para que fosse sujeito a tratamentos. Gastaram quase um milhão de dólares de Hong Kong e fui sujeito a uma cirurgia que, infelizmente, falhou", recorda Eric Leong. "No início

Quando já estudava já na USJ, comecei a dar aulas de guitarra, informática e, mais tarde, braille. A partir daí, a relação e a proximidade com as pessoas e com o Centro foi-se desenvolvendo, muito naturalmente. Hoje, é um apoio essencial. Ao mesmo tempo, como reconhece, o Centro deu-lhe também garantias e perspectivas de futuro que, talvez, não surgissem de outro modo.

"Por volta de 2011, já estava na recta final da minha licenciatura em Psicologia, perguntaram-me que perspectivas tinha para o futuro, se tinha algo em mente ou esperanças de arranjar um emprego em Macau". "Na altura, confesso, respondi apenas que 'não tinha qualquer ideia' porque em Macau, infelizmente, é muito difícil encontrar empregos disponíveis que aceitem invisuais ou pessoas com deficiências visuais", lamenta. "Isto porque

Além disso, "os invisuais têm também de ser mais confiantes e aprender técnicas básicas que os ajudem a viver em sociedade. Todos nós sabemos isso, só que há também uma realidade patente nas ruas que é perigosa. Há tantas coisas que acontecem e perante as quais temos de estar preparados, por isso é que a aprendizagem de viver em sociedade é importante para qualquer cidadão, independentemente das suas incapacidades".

"Se nós, cegos, precisamos de aprender como andar normalmente e livres de perigo nas ruas, os outros também deveriam aprender a lidar connosco, a guiar-nos nas ruas se for esse o caso. Isso é muito importante", vinca.

"NÃO PODEMOS FICAR NO CANTO DA CIDADE"

Ora está no escritório do Centro, a dar consultas ou em ensaios musicais. Com Kit, Wong,

Venho todos os dias e sem o Centro [de Reabilitação de Cegos da Santa Casa da Misericórdia] a minha vida seria muito monótona. Temos alguém semelhante a nós com quem conviver

Kit

< pág 3

da nossa música. Queremos também, com a nossa música, incentivar as outras pessoas a focarem-se em nós”, realça. Estabelecida em 2009, depois de um subsídio do Instituto de Acção Social, a banda actua em lares de idosos, escolas e outros eventos.

Mesmo que a música ajude a criar alguma normalidade, e tenha tido um papel no processo de adaptação, Eric reconhece que o caminho não é fácil, e há alguma dor pessoal que tem de ser ultrapassada. “É muito injusto. As pessoas que não sofrem de cegueira conseguem fazer tantas coisas e com facilidade... podem jogar futebol, e como eu adoro jogar futebol! Só precisam da bola e jogar com outros... é tão fácil. Podem passear e namorar com tanta facilidade, e comprar presentes...”, afirma, com tristeza na voz que rapidamente transformou em positivismo: “Mas, ao passar por todos estes obstáculos, acabei por perceber que também tenho de agradecer por esta oportunidade porque, no fundo, é como encaro a vida e esta minha forma de ser e estar. Deu-me também a oportunidade de reconhecer e agradecer com mais profundidade. Este tipo de dificuldades obriga-me a ser mais organizado na vida”, aponta.

MARCAS DE UMA INFÂNCIA DIFÍCIL

A infância foi uma “parte importante” da vida de Eric. Não porque se fez de estórias “cor-de-rosa” e felicidade constante, mas por ter vivido momentos duros, de superação pessoal e de confronto com uma realidade que não estava preparada para o receber e entender. “Tinha cinco ou seis anos e, tal como uma criança normal, estava na altura de encontrar uma escola. Só que precisava de uma escola inclusiva que aceitasse, neste caso concreto, crianças com dificuldade visuais. Não existia sequer este conceito na altura, o que está a mudar porque felizmente já há escolas

com turmas de crianças com necessidades especiais”, relata Eric Leong.

Após algumas tentativas frustradas, os pais “lá conseguiram encontrar algumas escolas que diziam oferecer ensino a crianças especiais”. Todavia, “quando perguntaram se podiam inscrever-me disseram que não tinham a experiência adequada para aceitar a inscrição”.

Até que apareceu a Caritas Macau. Na altura, o actual secretário-geral da Caritas, Paul Pun, estava a iniciar turmas de ensino especial com duas a três pessoas. Os professores, que aprendiam em Hong Kong, ensinavam técnicas básicas do quotidiano. “Lembro-me de estar na mesma turma com três ou quatro alunos. Vários anos depois, o senhor Paul Pun percebeu que não podíamos continuar assim eternamente, no sentido em que estávamos, de certa forma, colocados num “canto”,

afastados da cidade e das pessoas. Nesse sentido, perguntou aos nossos pais se poderiam aceitar a nossa ida para uma escola de ensino secundário com outras pessoas”, indica.

Na altura, a ideia “era integrar-nos com pessoas normais, sem problemas de visão, para que a nossa integração na sociedade fosse acontecendo gradualmente, e também para que essas pessoas percebessem que há invisuais em Macau e que é importante viver em comunidade”, frisa.

Foi então que entrou nas salas de aulas da Escola São João de Brito, da Caritas, onde frequentou o ensino primário e secundário. “Foi um período interessante e entusiasmante da minha infância e adolescência”.

“Deparei-me com muitas dificuldades em aprender lá mas, ao mesmo tempo, conheci vários professores que meaju-

daram a ultrapassar essas barreiras. Fiz muitos amigos, para a vida. Amigos com quem falo ainda hoje. Mantemos contacto, 20 anos depois. Também tivemos muitas namoradas (risos)”, recorda.

Em Macau, infelizmente, é muito difícil encontrar empregos disponíveis que aceitem invisuais ou pessoas com deficiências visuais

Eric Leong



PUB

**TRIBUNAL JUDICIAL DE BASE
JUÍZO LABORAL
ANÚNCIO**

Execução por Custas/Multas/Indemnizações
n.º LB1-15-0061-LCT-A Juízo Laboral

Exequente: Ministério Público da RAEM.

Executados:
1) GRUPO DE ENTRETENIMENTO MITOLOGIA GREGA (MACAU) S.A., com sede em 澳門美仔仔街 889 號新世紀酒莊五合F室
2) XU ZHAOJI, masculino, maior, administrador do GRUPO DE ENTRETENIMENTO MITOLOGIA GREGA (MACAU) S.A. com domicílio profissional em 澳門美仔仔街 889 號

FAZ-SE SABER, que no dia 28 de Fevereiro de 2018, pelas 14:45, no local de Arrematação deste Tribunal e no processo acima indicado, se procederá à venda por meio de propostas em carta fechada, do seguinte bem penhorado:

Automóvel Ligeiro

Veículo automóvel de matrícula MP-35-63, marca TOYOTA, modelo CAMRY 2.4 A/T, Valor base da venda: MOP28,000 (VINTE E OITO MIL PATACAS).

São convidados todos os interessados na compra daquele bem a entregar à Secção Central deste Tribunal, as suas propostas, até ao dia 26 de Fevereiro de 2018, pelas 17:45 horas, e o preço das propostas devem ser superior ao valor acima indicado devendo o envelope da proposta, conter, a indicação de “PROPOSTA EM CARTA FECHADA” bem como o “NÚMERO DO PROCESSO LB1-15-0061-LCT-A”.

No dia da abertura das propostas, podendo os proponentes assistir ao acto.

Para proteger os seus interesses, antes da proposta, pode dirigir-se ao depositário para examinar o bem.

É fiel depositário SR. VITOR MANUEL AMADA UNG (Secretário Judicial-Adjunto, subst) do Serviço do Ministério Público junto do Tribunal Judicial de Base, número de telefone de contacto: 89887172), que está obrigado, durante o prazo do Edital e Anúncio, a mostrar o bem a quem pretenda examiná-lo, podendo fixar as horas em que, durante o dia, facultará a inspecção.

Quaisquer titulares do direito de preferência na alienação do bem supra referido, podem, querendo, exercer o seu direito no próprio acto da abertura das propostas, se alguma for aceite, nos termos do art. 787º do C.P.C..

Tribunal Judicial de Base de R.A.E.M., aos 23 de Janeiro de 2018.

O Juiz,
Chan Kam Tim
A Escrivã Judicial Adjunta,
Ho Pui Fong

1ª Vez “JTM” - 1 de Fevereiro de 2018

**TRIBUNAL JUDICIAL DE BASE
JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO**

Execução Ordinária n.º CV3-16-0155-CEO 3º Juízo Cível

- EXEQUENTE: BANCO NACIONAL ULTRAMARINO SA, com sede na Avenida Almeida Ribeiro, 22 em Macau.

- EXECUTADOS: COMPANHIA DE GRUPO M&G, LIMITADA, registada na Conservatória dos Registos Comercial e de Bens Móveis sob o nº 35737(SO), LAO MENG TONG, titular do BIRPM n.º 5111XXX e LAO HOK PANG, titular do BIRPM n.º 7436XXXX, ora ausentes em parte incerta com última sede e morada conhecida na Alameda Dr. Carlos D’Assumpção, Centro Comercial Cheng Fong, 336 a 342, 8ª A e R em Macau.

FAZ-SE SABER QUE, por este Juízo, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os executados acima identificados, para no prazo de VINTE DIAS, decorrido que seja os dos editos, deduzirem oposição, ou pagarem ao exequente a quantia de MOP\$ 4.679.020,72 (quatro milhões seiscentas e setenta e nove mil e vinte patacas e setenta e dois avos), acrescida de juros vencidos e vincoados até efectivo pagamento e custas, sob pena de ser ordenada a penhora dos bens hipotecados (artº. 719º C.P.C.M.), pelos fundamentos constantes da petição inicial que se encontram à disposição dos cidadãos neste Juízo, prosseguindo os autos com o Ministério Público - artº 49º do Código de Processo Civil de Macau.

— A intervenção dos cidadãos nos autos implica a constituição de advogado - artº 74º do Código Processo Civil de Macau.

RAEM, 19 de Janeiro de 2018

O Juiz,
a) Chan Kam Tim
O Escrivão Judicial Principal,
a) Acácio Coelho

1ª Vez “JTM” - 1 de Fevereiro de 2018

**TRIBUNAL JUDICIAL DE BASE
JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO**

Execução Ordinária n.º CV3-17-0096-CEO 3º Juízo Cível

EXEQUENTE: BANCO NACIONAL ULTRAMARINO S.A., com sede em Macau, na Avenida de Almeida Ribeiro, n.º 22.

EXECUTADO: LI JIANYING, com última residência conhecida em Macau, na Rua de Santa Clara, n.º 5F, Edifício Tak Sun, 3º andar C, ora ausente em parte incerta.

— Faz Saber que, pelo Tribunal, Juízo e processo acima referidos, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando a executada acima identificada, para no prazo de vinte dias, decorrido que seja os dos editos, pagar ao exequente a quantia de noventa e uma mil, quinhentas e dez patacas e quarenta e quatro avos (MOP\$91.510,44) e bem assim os juros entretanto vencidos e os vincoados, à taxa acordada de 6% ao ano e legais acrescidos, ou no mesmo prazo, deduzir oposição por embargos ou nomear bens à penhora, sob pena de, não o fazendo, ser devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora, seguindo o processo os ulteriores termos até final à sua revelia.

— Tudo conforme melhor consta do duplicado da petição inicial que neste 3º Juízo Cível se encontra à sua disposição e que poderá ser levantado nesta Secretaria Judicial nas horas normais de expediente.

— É obrigatória a constituição de advogado no caso de deduzir oposição.

— R.A.E.M., 22 de Janeiro de 2018.

O Juiz,
Carlos Armando da C. R. de Carvalho
O Escrivão Judicial Auxiliar,
Wong Su Pui

1ª Vez “JTM” - 1 de Fevereiro de 2018



Cerca de 50 DOS 90 INVISUAIS INSCRITOS no Centro de Reabilitação recorrem ao serviço diariamente

FOTOS JTM

Recuperar a confiança de uma visão perdida

O Centro de Reabilitação de Cegos da Santa Casa da Misericórdia de Macau procura ser um ponto de encontro e abrigo para 90 invisuais. Na sua grande maioria, os 50 que vão diariamente ao Centro sentem-se bem, em casa, fora de perigos e num espaço onde convivem com outros que sofrem da mesma incapacidade. São quase seis décadas a contribuir no auxílio à integração de quem possui uma desvantagem física que não deve ser impeditiva de uma vida normal

CATARINA ALMEIDA*

Vão sozinhos, entram e saem sem apoios, ou com ajuda de familiares, numa escuridão que tão bem conhecem. Outros, porque não têm outra alternativa, usam a carrinha do Centro de Reabilitação de Cegos da Santa Casa da Misericórdia de Macau (SCMM). De portas abertas há quase seis décadas, tem actualmente 90 invisuais inscritos. No entanto, 53 recorrem ao Centro diariamente para quebrar um rotina que, de outra maneira, poderia ser vivida sozinha.

O silêncio reina entre aquelas paredes. Ali, não há preconceitos. Nem medo de enfrentar o que quer que seja, ou achar-se incapacitado para fazer algo que para alguém saudável poderá ser dado adquirido. No Centro de Reabilitação de Cegos, vive-se e, sobretudo, aprende-se a viver numa

sociedade que, por vezes, é injusta e incompreensível.

De paredes meias com o Canídro, o mesmo o latir dos cães interrompe o silêncio. Vivem-se realidades a vários tempos: ouve-se música no "YouTube" e canta-se, livremente, sem filtros. Põe-se a conversa em dia, com a companhia da sinfonia emitida no éter da rádio em língua chinesa. Tira-se partido do bom tempo e exercita-se o corpo e a mente. Volta-se à conversa, numa mesa cheia. Prepara-se o chá. "Podem aprender cerâmica, música, braille e Inglês", explicou Janet Leung, directora do Centro de Reabilitação de Cegos à TRIBUNA DE MACAU.

O Centro presta apoio há mais de meio século, tendo contribuído no auxílio à integração de quem possui uma desvantagem física que não deve ser impeditiva de uma vida normal. Até porque, como refere Janet Leung, "há casos de utentes que perderam a visão durante a vida, o que lhes causa mais dificuldades no quotidiano". "Quem

perde a visão tem também de lidar com dificuldades durante o processo de aceitação da doença, sente problemas em comunicar", retrata.

O Centro foi criado sob os auspícios da "American Foundation For Overseas Blind Inc", sendo dirigido e administrado desde 1963 pela SCMM.

MAIS E MELHORES APOIOS

Há 15 anos ao serviço do Centro de Reabilitação de Cegos, Janet Leung testemunhou uma mudança "significativa" em termos de qualidade de vida. Ainda que, claro, haja espaço para melhorar: "No início, não havia muito apoio. O Governo não prestava grande atenção porque o número de invisuais no território também era menor. Os apoios foram aumentando, e há mais serviços que lhes permite ter uma vida mais integrada na sociedade. Não têm de ficar sozinhos, em casa", destaca.

Precisamente porque não têm, nem devem ficar em casa, isolados de tudo e todos, Janet Leung vê no Centro um espaço de encontro, de convívio entre pares e com pessoas que não sofrem da incapacidade. Porque essa proximidade e compreensão entre as duas realidades é deveras importante. "É um sítio para se sentirem em casa, até porque caso contrário podem piorar psicologicamente. Como são todos invisuais [os utentes] há mais compreensão e ficam, claro, mais felizes", frisou.

Tendo em conta que os tempos mudaram, e os invisuais em Macau podem aceder a um leque de apoios, a intervenção do Centro no auxílio a estes residentes também registou mudanças. A começar pelo sistema de registo de avaliação de deficiência do Instituto de Acção Social, lançado em 2011. "O número de inscritos rondava à volta dos 50, mas quase que duplicou desde que o regime de avaliação foi implementado. Pesa também o facto deste ser o único centro de reabilitação exclusivo para cegos. É muito importante, porque ajuda quem perdeu a visão encaminhando-os num sentido em que sintam que o seu futuro será menos incerto", concluiu.

* com V.C.

REGISTADOS 728 INVISUAIS NA RAEM

No quadro geral das deficiências físicas, a invisual não é a que mais afecta a população local, ainda assim não deixa de ter peso. Dados do Instituto de Acção Social (IAS) fornecidos à TRIBUNA DE MACAU apontam para 11.845 pessoas portadoras de deficiência - de acordo com o Regime de Avaliação do Tipo e Grau da Deficiência. Os mesmos números, relativos ao final de 2017, incluem 728 pessoas (369 homens) com deficiências visuais (607 invisuais e 121 com cegueira e outras deficiências), representando 6,15% do total dos portadores de deficiências. Se na tendência mundial a cegueira tende a afectar pessoas acima dos 50, em Macau o cenário é semelhante. Do total de invisuais, apenas 13 têm até seis anos de idade. A grande maioria (444) tem mais de 65 anos e os restantes entre 17 e 64 anos.

SEIS MATRICULADOS NAS ESCOLAS

No ano lectivo 2017/2018, estão inscritos nas escolas do território seis invisuais e 27 alunos com problemas visuais, revelou a Direcção dos Serviços para a Educação e Juventude à TRIBUNA DE MACAU. Segundo o organismo, desde 2008, mais de 105 professores assistiram a workshops que incluem acções de formação em braille. Para proporcionar melhor ambiente de aprendizagem aos estudantes, a DSEJ lançou o "Guia de Educação que inclui recomendações para as escolas na admissão de alunos com necessidades educativas especiais", contextualiza o organismo. Este guia "obriga as escolas a prestarem apoios adequados a cegos, surdos-mudos e portadores de outros tipos de deficiência". Ao mesmo tempo, existem subsídios de educação gratuita, especial e educação integrada, recorda.

APOIOS SOCIAIS DESDE 2014

Em 2011, com a entrada em vigor do regime de avaliação do tipo e grau da deficiência, o IAS começou a receber pedidos de emissão do respectivo cartão de registo para residentes permanentes e não-permanentes que preencham os requisitos. Para incentivar mais portadores de deficiência a procederem ao registo, foi lançado um programa de benefícios, em 2014, que obteve um "caloroso" apoio dos vários sectores sociais. Segundo o organismo, até finais de 2016, mais de 100 serviços públicos, instituições sem fins lucrativos, entre outros, aderiram ao programa oferecendo mais de 200 benefícios como descontos, isenção de taxas e/ou serviços prioritários.

C.A.

“
Quem perde a visão tem também de lidar com dificuldades durante o processo de aceitação da doença, sente problemas em comunicar

Janet Leung, directora do Centro de Reabilitação

